

Anúncios de escravos no jornal O Dezenove de Dezembro (Curitiba – 1854) e suas possibilidades de pesquisa

Regiane Maneira¹

Anúncios de escravos no jornal O Dezenove de Dezembro (Curitiba – 1854) e suas possibilidades de pesquisa

Resumo: O presente artigo teve como principal objetivo compreender alguns aspectos da escravidão, bem como da sociedade e do cotidiano dos escravos na província do Paraná. As fontes utilizadas para essa pesquisa foram os anúncios de fugas, compra e venda de escravos publicados no jornal “O Dezenove de dezembro” no ano de 1854, o qual circulava em Curitiba-PR. Para isso nos utilizamos de algumas leituras que foram fundamentais para compreendermos e analisarmos essa documentação, como Luiz Mott, Gilberto Freyre, Robert Slenes, Octávio Ianni, os quais contribuíram teórica e metodologicamente.

Palavras-chave: Escravidão; Paraná; Anúncios; Jornal.

Notice of slaves in the newspaper O Dezenove de Dezembro (Curitiba - 1854) and opportunities of research

Abstract: This paper aimed to understand some aspects of slavery as well as the society and the daily lives of slaves in the state of Paraná. The sources used for this research were ads for leaks, purchase and sale of slaves published in the newspaper "O Dezenove de dezembro" in 1854, which circulated in Curitiba. For the use of some readings that were fundamental to understand and analyze this documentation, as Luiz Mott, Gilberto Freyre, Robert Slenes, Octavio Ianni, among others.

Keywords: Slavery; Parana; Advertisement; Newspaper.

Anuncios de esclavos en el periódico O Dezenove de Dezembro (Curitiba - 1854) y sus posibilidades de investigación

Resumen: Este trabajo tuvo como objetivo comprender algunos aspectos de la esclavitud, así como la sociedad y la vida cotidiana de los esclavos en el provincia de Paraná. Las fuentes utilizadas para esta investigación fueron los anuncios en busca de fugas, la compra y venta de esclavos publicados en el diario "O Dezenove de dezembro" en 1854, que circularon en Curitiba. Para el uso de algunas lecturas que fueron fundamentales para comprender y analizar esta documentación, como Luiz Mott, Gilberto Freyre, Robert Slenes, Octavio Ianni, entre otros.

Palabras clave: Esclavitud; Paraná; Anuncios; Periódico.

Introdução

Machado de Assis, em 1906, alguns anos após o término da escravidão, publicou o texto “Pai contra mãe”. O conto ambienta-se no Rio de Janeiro no período em que a escravidão ainda não havia sido abolida. Cândido Neves ou Candinho é um homem orgulhoso que não se submete às ordens impostas e por isso não consegue se fixar em nenhum ofício. Ele apaixona-se por Clara, e mesmo sem

¹ Ciências Sociais - Universidade Luterana do Brasil.

ter um emprego estável casam-se, sob as advertências de Mônica, tia de Clara. Para manter-se, Cândido se dedica à captura de escravos, por meio de anúncios de fugas encontrados nos jornais. Esses anúncios destacavam os sinais e os costumes do escravo, o que facilitava a identificação do fujão. Candinho se interessa em um dos anúncios que era de uma escrava mulata, de nome Arminda. Com essas informações logo consegue encontrar a escrava e a entrega a seu senhor. Arminda, porém, acaba abortando seu filho devido à violência que sofrera quando fora recapturada. (ASSIS, 1977)

Esse conto escrito por Machado de Assis é apenas uma “ficção”, mas seu autor fala com conhecimento de causa, uma vez que viveu no período em que a escravidão ainda era a palavra de ordem no Rio de Janeiro. Seus personagens principais, Candido Neves e Arminda, faziam parte de uma realidade bastante comum em uma sociedade que se configurava em torno da escravidão: a fuga e a captura de escravos.

Ao que parece, um instrumento que facilitava a localização de um escravo fugido, como o caso de Arminda, eram os anúncios colocados nos jornais, os quais divulgavam as características físicas, psicológicas e morais dos escravos. Esses anúncios, por oferecerem uma gratificação para quem encontrasse o escravo, chamavam a atenção de muitos homens livres pobres que não possuíam um emprego fixo, como o caso de Candinho. A procura e a captura de escravos era muito mais que uma ocupação, era um “ofício” da época.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente", -- ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse. (ASSIS, 1977)

Machado de Assis fala de uma realidade e de determinado lugar: Rio de Janeiro do século XIX. Mas será que esta também era a realidade enfrentada por outras regiões, como no caso do Paraná? Será que os anúncios de fuga de escravos eram recorrentes na então província do Paraná? Quais as características desses anúncios? Qual sua frequência? Quem eram esses escravos que fugiam? Como fugiam? Quais as estratégias que utilizavam para manterem-se anônimos após a fuga?

Pensando em tais questões o presente artigo possui como objetivo principal analisar os anúncios fuga de escravos presentes no jornal “O dezenove de dezembro” no ano de 1854. A escolha do ano de 1854 deveu-se pela facilidade de acesso aos jornais desse período, os quais encontram-se digitalizados e disponibilizados on-line para a consulta no site da Biblioteca Nacional.

O jornal “O dezenove de dezembro” circulava em Curitiba e possuía publicação semanal. Seu tamanho e composição gráfica eram variados, mas em sua maioria possuía quatro páginas. O número de colunas também variava, mas normalmente era composto por quatro colunas, porém nas publicações que nos utilizamos há somente duas colunas em cada página.

Inicialmente Curitiba não possuía uma imprensa própria. Segundo Márcia Elisa de Campos Graf, em sua obra intitulada “Imprensa periódica e escravidão no Paraná”, as notícias chegavam à Curitiba por meio dos tropeiros e em Paranaguá pelas embarcações que aportavam. A Serra do Mar, segundo a autora, era um grande empecilho, que resultava no quase isolamento do litoral, assim os habitantes de Curitiba pouco sabiam dos de Paranaguá. (GRAF, 1981, p. 22)

Antes do Paraná se tornar província, circulavam pouquíssimos periódicos em Curitiba. Os que circulavam eram advindos da imprensa de São Paulo. Para Graf, os jornais eram lidos com o objetivo de ter conhecimento sobre os atos do governo, hipótese que, segundo a autora, se torna mais evidente com o fato de que em 1837 a Câmara Municipal de Curitiba recebia o periódico “Paulista Oficial”, no qual eram publicados todos os documentos oficiais. (GRAF, 1981, p. 22)

Em 1853 foi instalada a Província do Paraná, tendo como presidente Zacarias de Góis e Vasconcelos, o qual possuía como plano administrativo a instalação de uma tipografia, o que facilitaria a publicação dos textos emitidos pelo governo. Candido Martins Lopes que já era dono de uma tipografia em Niterói transferiu-se com sua oficina para Curitiba. Em 1º de abril de 1854 teve início a circulação do jornal “O Dezenove de Dezembro”, que recebeu esse nome em homenagem ao mês em que o Paraná se tornou província. (GRAF, 1981, p. 22)

Em seu início o jornal era impresso semanalmente, aos sábados, e não possuía um caráter político. Em janeiro de 1855, o jornal passa a ser publicado nas quartas-feiras, pelo fato de que muitos de seus assinantes que moravam no interior recebiam o periódico com atraso. Em abril de 1855 o jornal passa a se chamar “Dezenove de dezembro” ao invés de “O dezenove de dezembro”. Em 1871 o jornal passa a ser publicado duas vezes por semana e em janeiro de 1884 passa a ser diário, exceto nas segundas-feiras. Em 1855, mais precisamente em 5 de setembro, houve uma fusão com o jornal “Província do Paraná” que era um órgão do Partido Liberal. Em abril de 1890 o jornal fez sua última publicação e deixou de circular pelo província. Deve-se levar em consideração a importância desse jornal, uma vez que esse foi o único periódico que circulou durante todo o período provincial do Paraná. (GRAF, 1981, p.23-25)

Levando-se em consideração que o jornal começou a circular a partir de abril de 1854, as fontes de que dispomos para a análise também partem desse período. Serão, portanto, analisados os anúncios publicados nos meses de abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro. Nesses jornais encontramos anúncios de compra, venda, aluguel e fuga de escravos. Mas para este trabalho optamos em analisar somente os de fuga. Vejamos na tabela abaixo as publicações do ano de 1854 em que o escravo aparece nos anúncios:

Tabela 1: Publicações dos anúncios de escravos

DATA	ANÚNCIO REFERENTE À/O
01/abril/1854	Venda de escravo
08/abril/1854	Aluguel de escravo
15/abril/1854	Aluguel de 1 escravo e 1 escrava
06/maio/ 1854	Fuga e aluguel de escravo
01/julho/1854	Compra de escravo
22/julho/1854	Venda de uma escrava
16/setembro/1854	Fuga de uma escrava
23/setembro/1854	Fuga de um escravo
21/outubro/1854	Fuga de escravo
04/novembro/1854	Aluguel de escrava
25/novembro/1854	Fuga de escravo
16/dezembro/1854	Venda de escravo

Fonte: Jornal O dezenove de dezembro, ano de 1854.

Os anúncios de jornais como fonte

Os anúncios dos jornais são fontes que abrem um leque de possibilidades de análise para se estudar a escravidão. As narrativas presentes nos anúncios das fugas permitem observar a ideologia de determinada época em relação ao escravo, a forma como era visto nessa sociedade, quem era esse escravo, quais as características físicas e até mesmo psicológicas desse sujeito, seus hábitos, a forma como se vestia, se possuía vícios...enfim, permite vislumbrar o cotidiano, a lógica que perpassava a sociedade escravocrata.

Um dos primeiros pesquisadores a utilizar os anúncios de jornais como fonte para estudar a escravidão foi Gilberto Freyre em sua obra intitulada “Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros no séc. XIX” publicado em 1963. Freyre se utilizou dos anúncios de fugas de escravos publicados nos jornais do nordeste do Brasil para perceber aspectos sociais e do próprio cotidiano da escravidão.

A utilização desse tipo de fonte foi uma novidade na época, pois não havia uma definição

teórica e nem ao menos metodológica de como se trabalhar com esses documentos. Inicialmente o trabalho de Freyre não teve uma grande aceitação, pois se tratava de fontes que eram desprestigiadas ou mesmo ignoradas pela historiografia. Com o passar do tempo e com as mudanças nas concepções historiográficas a obra de Freyre foi revisitada. Esse novo “olhar” historiográfico percebeu a originalidade e a importância desse trabalho, sendo que novos trabalhos começaram a ser produzidos tomando como fonte os anúncios de jornais.

Outro importante trabalho se utilizando de anúncios de jornais como fonte é de autoria de Luis Mott intitulado “O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe”. Segundo Mott seu objetivo com este trabalho foi chamar a atenção dos estudiosos para a importância dos anúncios de jornais como fontes, uma vez que estes podem apresentar dados quantitativos e qualitativos sobre os escravos.

Uma primeira observação digna de nota é que os anúncios além das fugas ou roubos de cativos, retratam também outros ligados à comercialização do ‘gado humano’: compra, venda, aluguel, hipoteca e leilão. Embora a fuga seja a notícia mais frequente – ao menos na imprensa sergipana – os anúncios de comércio de cativos fornecem igualmente riquíssimas informações sobre o valor, habilidades e outros aspectos da demografia da mão de obra de origem africana. (MOTT, 2008)

Na área de Linguística temos outra importante referência: “A voz do dono: uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos no oeste paulista entre 1870-1876” de autoria de Ana Josefina Ferrari (2001). Neste trabalho a autora utilizou anúncios do jornal “Gazeta de Campinas”, buscando fazer uma análise dos discursos dos donos sobre os escravos. A tese defendida por Ferrari parte do pressuposto de que os processos de designação encontrados nos anúncios “constroem” publicamente o escravo como um sujeito particular na sociedade.

Flavio dos Santos Gomes (1996) em trabalho intitulado “Jogando a rede, revendo malhas: fugas e fugitivos no Brasil escravista” também é uma importante referência. Neste trabalho o autor se utilizou de anúncios de fugas de jornais do Rio de Janeiro, para observar as estratégias que os escravos utilizavam depois de fugirem para não serem identificados em meio à população livre. A fuga não é vista por Gomes somente como uma forma de afronta aos senhores, mas como uma forma de muitos escravos organizarem suas vidas, comunidades e cultura, dentro da própria sociedade escravocrata.

Além desses autores, destacamos outros como Martha Rabelatto (2006), que estuda os anúncios de fugas na ilha de Santa Catarina; Raphael Neves (2009) com estudo sobre o Rio de Janeiro e Elisa Vignolo Silva (2010) com pesquisa sobre o jornal “Astro de Minas” que circulava em São João Del Rei no província de Minas Gerais.

Esses autores nos ajudam a refletir, entre outros elementos, no sentido, ou melhor, nos sentidos que a fuga possuía para os escravos. Aos olhos de Flávio dos Santos Gomes, a fuga dos escravos não era algo que surpreendia seus senhores, pois era algo previsível naquela sociedade:

A fuga era algo previsível nos mundos da escravidão. Ao mesmo tempo que a escravidão tinha acabado e levado “consigo ofícios e aparelhos”, na sua existência enquanto instituição sócio-jurídica até 1888 aconteceram processos históricos totalmente previsíveis. A fuga dos escravos foi um deles.

(GOMES, 1996)

Se já na África os escravos eram capturados, trazidos em navios superlotados sem a menor condição de higiene, chegavam (os que sobreviviam) a um lugar desconhecido, eram tratados como objetos que podiam ser comprados e vendidos a qualquer momento, tudo isso em meio a um tratamento extremamente violento. Ora, era de se esperar que a fuga desses indivíduos fosse algo bastante comum para a época.

Essa afirmação não deixa de ser correta, mas é uma interpretação simplória. É o que nos alerta Carlos Vinícius S. Domingues (2011) em sua dissertação de mestrado intitulada “Desafiando o cativo: fuga de escravos no Rio de Janeiro Joanino (1808-1821)”. Para o autor,

As fugas não devem, portanto, ser entendidas como mera reação “natural” do escravo frente a uma sociedade violenta, ainda que seja “natural” pensar que ele sentisse desejo por liberdade. Para nós, a fuga era uma experiência única, vivenciada, diferentemente por cada escravo, ocasionada por uma convergência de fatores condicionantes coligados a sua própria vontade e escolha. Dizer, simplesmente, que o escravo fugia para reafirmar sua identidade (não ser aculturado) ou para fugir da severidade de um sistema violento, são generalizações que empobrecem a discussão. (DOMINGUES, 2011, p. 6-7)

Nem toda fuga era uma resistência à escravidão, as vezes tratava-se do desejo do escravo de obter algumas benesses no cativo, era uma estratégia para renegociar sua condição na senzala. Houveram casos que escravos retornaram voluntariamente à senzala. Escravos que capturavam escravos. (DOMINGUES, 2011, p. 7) A interpretação das fugas somente enquanto resistência não dá conta de entendermos essas situações.

Como escravos voltaram voluntariamente às senzalas, sabendo que ao voltarem receberiam castigos? Muitas fugas ocorriam como estratégia de negociação para obtenção de direitos diferenciados em seu cativo. Era uma espécie de barganha por parte do escravo para a obtenção de benesses no cativo. (DOMINGUES, 2011, p. 7)

Eduardo Silva aponta que as fugas podem ser classificadas em dois grandes grupos: reivindicatórias e de rompimento. As primeiras eram as que ocorriam quando o escravo recebia uma punição ou então fora castigado ou mesmo estava prometido de castigo. As de rompimento caracterizavam-se quando o escravo possuía a intenção de romper definitivamente com o cativo, com sua condição de escravo, tarefa um tanto quanto difícil, pois a escravidão perpassava o ambiente de onde o escravo fugira e se fazia presente em todas as esferas da sociedade. Havia sempre a possibilidade de ser recapturado por capitães do mato, policiais e demais pessoas comuns que circulavam pela cidade. (SILVA apud DOMINGUES, 2001, p. 51-52)

Os trabalhos desenvolvidos por esses autores que acima citamos, são de extrema importância para pensarmos sobre alguns conceitos, como o de fuga, por exemplo. Além disso, contribuem para refletirmos em torno da nossa postura teórica e metodológica frente às fontes de que dispomos. O método e a teoria permitem um olhar de estranhamento para com os documentos, um “olhar” que

atenta, também, para pequenos detalhes presentes nesses anúncios de jornais, detalhes estes, que muitas vezes revelam o modo de pensar e agir daquela sociedade. Sem essas leituras, tais detalhes passariam imperceptíveis ou mesmo irrelevantes na pesquisa.

Os anúncios de fugas no jornal “O Dezenove de Dezembro”

Nas edições que pesquisamos do jornal “O dezenove de dezembro” do ano de 1854, encontramos 14 anúncios que versam sobre escravos. Trata-se de 1 anúncio de compra, 3 anúncios de venda, 5 anúncios de aluguel e 5 de fugas de escravos. Nesses dados pode-se perceber que os anúncios do ano de 1854 estavam mais ligados ao comércio de escravos do que às fugas dos mesmos.

Antes de iniciarmos a análise dos anúncios, faz-se necessário refletirmos em torno do contexto em que essas fontes estão inseridas. Afinal, o que era Curitiba na década de 1850? Qual seu contingente populacional? Que etnias compunham essa população? Qual o percentual de escravos e de homens livres?

É inegável que a escravidão no Paraná não ocorreu aos mesmos moldes de outras regiões que se baseavam exclusivamente na mão-de-obra escrava, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, por exemplo. Contudo, desconsiderar a presença de escravos negros e sua importância na região paranaense seria um erro grave.

No século XVIII a utilização da mão-de-obra escrava foi algo expressivo no Paraná, chegando a atingir 50% do total da população no ano de 1767. (IANNI, 1988, p.69) Já no início do século XIX os escravos constituem cerca de 16% da população total, sendo sua maioria africanos ou descendentes. Os escravos nesse momento correspondiam a cerca de 50% da mão-de-obra utilizada. Ianni, se utilizando do relatório de Zacarias de Góes e Vasconcellos, afirma que em 1854, ano que faz referência às nossas fontes, a população da província era composta de 16% de escravos, sendo que na capital da província já teria reduzido para 9%. (IANNI, 1988, p.69)

Pesquisando esse relatório, podemos perceber que Góes e Vasconcellos já aponta para a diminuição da participação dos escravos ou mesmo para a falta de mão-de-obra, já indicando para a ideia da vinda de colonos para a província, ou seja, a substituição do trabalho escravo para o trabalhador livre: “Dessas illações humas mostram que a província, falta de gente, com escravatura comparativamente diminutissima, e no gozo de hum clima mui saudavel de huma das melhor aparelhadas para a colonisação...” (VASCONCELLOS, 1854) Essa diminuição da participação dos escravos pode também ser compreendida pela proibição do tráfico nacional e o consequente tráfico interprovincial, em que os escravos no Paraná foram vendidos para trabalhar nas regiões cafeeiras do sudeste.

Segundo Fernando Franco Netto, em sua obra intitulada “Senhores e escravos no Paraná provincial” o escravo foi cada vez mais substituído pelo trabalhador livre no processo produtivo. O

avanço do capitalismo industrial refletiu nas condições sociais e econômicas, que não mais suportaram uma estrutura baseada no trabalho escravo. (FRANCO NETTO, 2011, p. 40)

Na tabela abaixo podemos observar com mais clareza a diminuição gradativa dos escravos se comparado ao aumento da população total do Paraná.

Tabela 2: População escrava no Paraná²

ANO	POPULAÇÃO TOTAL	% POPULAÇÃO ESCRAVA
1772	7627	28%
1780	17685	30%
1798	-	20,3%
1804	-	19,3%
1811	-	20%
1816	-	17,6%
1824	-	17,8%
1830	-	17,1%
1839	-	25%
1854	62258	16,4%
1858	69380	12,2%
1866	99087	12%

Em 1854 podemos perceber que a população escrava era de cerca de 16,4% de um total de 62258. Apesar do número de escravo estar diminuindo na província, ao que tudo indica devido ao tráfico interprovincial, nesse período ainda encontramos uma quantidade significativa desses sujeitos.

Talvez o fato de no ano de 1854 encontrarmos uma grande maioria de anúncios de compra, venda e aluguel de escravos, ou seja, anúncios ligados ao comércio, esteja relacionado ao tráfico interprovincial, o qual acelerou a venda dos escravos do Paraná para donos de fazendas de café no sudeste.

² Cf. BALHANA e outros, 1968; GUTIÉRREZ, 1988; IANNI, 1988; SAINT-HILAIRE, 1978; PARDO, 1993. *Apud* HARTUNG, 2005.

Juntamente com os anúncios relacionados ao comércio e as fugas de escravos, encontramos outros que tratam da comercialização de bens materiais, tais como: anúncios de dentistas, hotéis, venda de chácaras, livros, tecidos, ferragens, desaparecimento de animais (cavalos e cães), venda de produtos alimentícios (farinha de milho, mandioca, vinho, azeite), de animais, convite para missas, entre outros.

Nota-se que os anúncios de escravos fazem parte da coluna do jornal juntamente com anúncios de venda de objetos, produtos alimentícios e animais. É interessante percebermos que o escravo é tratado como mercadoria, como um objeto que está para a venda e que vai ser comprado, um “gado humano”. E, no caso das fugas, como um objeto que foi perdido e que são descritas minuciosamente suas características para auxiliar na sua identificação.

Os anúncios que encontramos no jornal “O Dezenove de Dezembro” sobre as fugas de escravos são um verdadeiro “retrato falado”, no qual constam as características físicas, tais como: cor, idade, estatura, procedência étnica, vestuário, se possuía alguma marca ou sinal no corpo; além disso, eram descritas as habilidades profissionais, quem era seu dono, o lugar que provavelmente poderia ser encontrado, entre outras características.

Essas descrições constroem o escravo enquanto sujeito. Segundo Ana Josefina Ferrari a fuga dos escravos resultava em anúncios nos jornais, ou seja, na escrita. A escrita, apesar de ser a voz do dono, é aos olhos da autora uma fala na qual o escravo ganha corpo e figura. A fuga força uma escrita que constrói o corpo, a figura do escravo. Essa escrita circula publicamente através dos jornais, dando visibilidade ao escravo, ou seja, é o momento em que ele é o sujeito e não o objeto. (FERRARI, 2001, p. 37-38)

Vejamos um anúncio que data de 03 de maio de 1854.

FUGIU de Bento Laurindo de Castro, morador no Asonguy, districto de Capella, curato de Vetuverava, um escravo de nome Benedicto, de idade 50 annos poucos mais ou menos, pardo claro, altura ordinária, fino de corpo, bem barbado, bom carpinteiro, tem o braço direito deslocado do hombro, e por isso um tanto mais secco do que o outro. Este escravo foi crioulo do fallecido capitão Joaquim Antonio Guimarães de Paranaguá; quem o apreender e entregar em Paranagua ao Sr. commendador Manoel Antonio Guimarães, ou em Antonina ao sr. José Dias Barbosa, ou em Morretes ao Sr. Manoel Ribeiro de Macedo, ou em Coritiba ao sr. Floriano Berlintes Casto, será bem gratificado, pois o anunciante não recua diante de qualquer das penas que estes senhores fação com o dito escravo. (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 03/05/1854)

Quanto mais detalhadas as informações sobre as características físicas e morais do escravo fugido, maior era a chance de identificá-lo em meio à população livre. O anúncio da fuga do escravo Benedicto é um exemplo dessa descrição minuciosa, o que permite identificarmos seu nome, sua idade, estatura, cor, marcas presentes em seu corpo, quem era seu dono, de onde havia fugido, qual sua habilidade profissional e onde poderia ser entregue caso fosse localizado.

Nesse anúncio o que nos chama a atenção é a idade de aproximadamente 50 anos de

Benedicto. Em outros trabalhos que pesquisamos que abordam a faixa etária dos escravos fugidos, percebemos que a maioria dos escravos que empreendiam fuga tinham em média de 21 a 30 anos. Aqueles que possuíam de 41 a 50 anos eram cerca de 2%. Esses dados revelam um perfil dos escravos que fugiam: eram em sua maioria jovens. Isso pode ser explicado pela formação de famílias no interior das senzalas. Os escravos jovens não haviam formado laços familiares, assim pouco tinham a perder com a fuga. Com a formação de laços familiares os escravos se tornavam mais presos à sua situação de cativo e as tentativas de fugas diminuía. (SLENES, 1999) Talvez Benedicto, não havia se unido a alguém, ou seja, formado relações familiares dentro do plantel, com isso a fuga era uma forma de tentar mudar de vida, ou então de renegociar sua situação dentro do cativeiro.

Benedicto era morador de “Asonguy, districto de Capella, curato de Vetuverava”. Assungui, local onde o escravo morava, pertencia na época ao distrito de Capella e estava localizado próximo à Votuverava. Segundo Ana Maria Burmester, em Votuverava estava localizada a capela de Nossa Senhora do Amparo, que pertencia a Paróquia Nossa Senhora da Luz de Curitiba. Em 1834 a Capela de Nossa Senhora do Amparo de Votuverava passava a gozar o predicamento de curato e em 1855 se tornou freguesia. (BURMESTER, 1974) No período que o anúncio fora publicado (1854) Votuverava ainda recebia a denominação de curato, termo religioso que significava que um povoado possuía condições necessárias para se tornar uma freguesia ou distrito. Se Votuverava ficava próximo à Assungui — local que residia Benedicto — e pertencia à Paróquia Nossa Senhora da Luz de Curitiba, logo podemos perceber que a fuga anunciada no jornal ocorreu nas proximidades de Curitiba.

Em outra publicação, datada de 16 de setembro de 1854, é recorrente o fato de o escravo fugido residir em Curitiba. Dessa vez, a fuga se refere a uma escrava crioula chamada Amancia:

A Francisco de Paula Guimarães, de Curiiyba, fugio uma escrava creoula, com os seguintes signaes: bem preta, de estatura ordinária, cara redonda, olhos grandes, boa dentadura, e dentes aguçados, maviosa e affectada, mãos grandes como de homem que trabalha com machado, tem as munhecas grossas, e os dedos curtos, um pequeno signal como de queimadura sobre as costas, chama-se - Amancia [...] (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 16/09/1854)

Era de se esperar que devido o jornal “O Dezenove de dezembro” ser publicado em Curitiba, a maioria dos anúncios de fugas estivessem relacionados a esta localidade. Mas isso não ocorre, pois dos 5 anúncios de fugas que encontramos no ano de 1854, apenas 2 estão relacionados à Curitiba. Dos outros 4 anúncios, 2 são de escravos que fugiram de Antonina, 1 de Guarapuava e 1 que não identifica a localidade de onde ocorrera a fuga.

Uma possível explicação para tal fato pode estar relacionado à ausência da publicação de periódicos nas localidades em que o escravo fugira, dificultando assim a divulgação da notícia da fuga e conseqüentemente a captura do escravo. Outra hipótese que levantamos é a de que alguns anúncios eram publicados na localidade onde o escravo poderia ser encontrado, ou seja, o destino que poderia ter tomado após sua fuga. É o caso de Verissimo, um escravo crioulo que fugiu de Antonina e seu dono acreditava estar em Curitiba.

FUGIO da villa de Antonina, e conta que está nesta cidade, um preto, crioulo, escravo do sr. Francisco Rodrigues, de nome Virissimo, alto, magro, pouca barba, nariz pequeno; quem o apreender e levar ao sr. Antonio Pinto Porto, rua da Carioca n. 4, será gratificado generosamente. (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 30/12/1854)

Mas como Francisco Rodrigues, dono de Verissimo, sabia o rumo que seu escravo poderia ter tomado? Haveria este já ter recebido alguma informação sobre seu escravo? Muitas dessas questões não podem ser respondidas devido a limitação que nossas fontes possuem. Afinal, são poucas as linhas dos anúncios de fugas. Ao interpretá-los encontramos mais interrogações que respostas. Mesmo assim essas fontes revelam uma série de características de como era a sociedade, a sociabilidade e o cotidiano dos escravos naquela época.

Os castigos físicos, por exemplo, são uma dessas características cotidianas na vida do escravo e que podem ser visualizadas dos anúncios. Nos anúncios de fuga acima transcritos, de Benedicto e Amancia, podemos perceber que entre as características físicas dos escravos (estatura, cor dos cabelos, da pele, dos olhos, etc) destaca-se também marcas/sinais no corpo desses sujeitos: “... tem o braço direito deslocado do ombro, e por isso um tanto mais secco do que o outro”; “...um pequeno signal como de queimadura sobre as costas”. Ao que tudo indica os sinais/marcas que são descritas nesses anúncios como forma de facilitar na identificação do escravo fugido, são resultado dos castigos violentos dados aos escravos por parte de seus senhores. Entre os instrumentos utilizados para esses castigos podemos citar a chibata, palmatória, argola, corrente, gargalheira, ferro para inscrever marcas no corpo dos escravos – o que parece ter sido o caso de Amancia – entre outros.

Sílvia Hunold de Lara em trabalho intitulado “Campos de Violência: escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro (1750-1808)” pesquisou sobre as características dos castigos senhoriais presentes no cotidiano dos escravos. Para a autora existia uma mentalidade na sociedade escravista que via no castigo físico um instrumento importante para se manter a ordem dentro dos plantéis. Os castigos eram legitimados pela sociedade, não despertavam na população livre uma repulsa, eram uma espécie de didática, de castigo exemplar para com os escravos.

Os escravos fugidos sabiam que se fossem recapturados esses castigos seriam mais violentos ainda. Por isso, muitos se utilizavam da estratégia do apadrinhamento, prática em que alguns escravos fugidos procuravam um “padrinho”, que geralmente era alguém poderoso e influente, para interceder junto a seus donos, na tentativa de diminuir os castigos físicos. Negar o pedido de um “padrinho” era algo deselegante. (DOMINGUES, 2011, p. 66) Isso porque tratavam-se de pessoas de prestígio e status naquela sociedade.

O “apadrinhamento”, ao que tudo indica era uma prática também utilizada por alguns escravos no Paraná para retornarem ao cativo sem receber castigos físicos, ou pelo menos diminuí-los. É o caso do anúncio de fuga de Simão, datado de 21 de outubro de 1854. Os indícios de “apadrinhamento” aparecem no anúncio no momento em que se fala da gratificação. O dono do escravo oferece uma gratificação de 50\$000 para quem encontrasse Simão, porém faz uma ressalta no caso de “padrinhos”:

“...quem o trouxer, não sendo apadrinhado, á rua das Flores n.14, receberá gratificação 50\$000.” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 21/12/1854). Qualquer pessoa que entregasse o escravo receberia a gratificação, salvo apenas se este voltasse sob os cuidados de um “padrinho”. Geralmente, o “padrinho” no ato da entrega do escravo a seu dono não recebia nenhuma gratificação, afinal o escravo o havia procurado de livre vontade e não houve esforço em capturá-lo, como no caso de capitães do mato e outros homens livres que se empenhavam na captura dos fujões. Além disso, se tratavam de pessoas ricas e influentes que apadrinhavam os escravos fugidos, não havendo muito sentido em gratificá-los.

Além da questão do apadrinhamento, outras questões interessantes podem ser observadas nos anúncios de fugas do “O Dezenove de Dezembro”, como a habilidade profissional desses escravos. Dos anúncios que pesquisamos encontramos 2 que abordam essa questão. Trata-se do escravo Antonio que era “official de pedreiro” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 25/11/1854) e de Benedicto, “bom carpinteiro” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 06/05/1854).

Além dos escravos que trabalhavam diretamente para seus senhores nas próprias fazendas, exercendo serviços que iam desde a lavoura até amamentado os filhos de seus donos, existiam os “escravos de ganho”. Nessa modalidade os escravos não serviam diretamente seus donos, mas eram alugados para prestarem serviços à outras pessoas. Esses serviços eram os mais variados: seleiro, marceneiro, alfaiate, pedreiro, carpinteiro, carregador, jornaleiro, lavadora, entre outros. Ao que tudo indica Benedicto e Antonio eram escravos “de ganho” que eram alugados por seus senhores para prestarem os serviços de pedreiro e carpinteiro para quem os necessitasse.

Considerações Finais

Ao final desse artigo pudemos perceber que a fuga não era somente um ato de resistência ao sistema escravista, uma reação natural dos escravos ou algo totalmente previsível. Pensar dessa forma é empobrecer as discussões. A fuga podia ser uma estratégia utilizada pelos escravos para conseguirem benesses ou mesmo negociar sua situação no interior das senzalas.

Outra questão que ficou evidente é a riqueza de informações que os anúncios de jornais apresentam para o estudo dos escravos. Estes podem oferecer informações precisas a respeito de muitos Sebastões, Verissimos, Benedictos, Amancias e tantos outros, que acabaram fugindo de seus cativeiros em busca de um sonho de liberdade ou então como estratégias para renegociar suas situações no cativeiro.

As linhas dos anúncios permitem observarmos como era o perfil de muitos escravos. Seu nome, sua idade, estatura, marcas deixadas pela violência com que eram tratados, cor, marcas presentes em seu corpo, quem era seu dono, de onde havia fugido, qual sua habilidade profissional, como fugira, onde poderia ser entregue caso fosse localizado, estratégias usadas para não ser identificado em meio à população livre, entre outras informações que dificilmente serão encontradas

em outras fontes que não sejam os anúncios.

O jornal “O Dezenove de dezembro” no ano de 1854 em suas colunas, publicava um número significativo de anúncios de compra, venda e aluguel de escravos. Através desses dados pudemos perceber que, talvez, se tratava de um período em que havia acelerado o comércio dos escravos, o que acreditamos, estava ligado ao tráfico interprovincial com as regiões cafeeiras do Sudeste.

Apesar de analisarmos somente alguns anúncios e somente do ano de 1854, pudemos perceber que são fontes que permitem uma gama de possibilidades de análise. Através das linhas publicadas no “O Dezenove de Dezembro”, pudemos reconstruir uma parcela de como era a sociedade e o cotidiano de alguns escravos na província paranaense.

Referências

ASSIS, Machado de. Pai Contra Mãe. In: **Relíquias da Casa Velha**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1977.

BALHANA e outros, 1968; GUTIÉRREZ, 1988; IANNI, 1988; SAINT-HILAIRE, 1978; PARDO, 1993. Apud HARTUNG, Miriam. Muito além do céu: escravidão e estratégias de liberdade no Paraná do século XIX. **Revista Topoi**, v. 6, n. 10, jan.-jun. 2005, p. 143-191. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi%2010/topoi10a5.pdf Acesso em 09.02.13.

BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. **A população de Curitiba no século XVIII – 1751-1800 segundo os registros paroquiais**. Dissertação (Mestrado em História) - UFPR, Curitiba, 1974.

DOMINGUES, Carlos Vinícius Schettini da Silva. **Desafiando o cativo: fuga de escravos no Rio de Janeiro Joanino (1808-1821)**. Dissertação de mestrado. UFRJ: Rio de Janeiro, 2011.

FERRARI, Ana Josefina. **A voz do dono: uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos no oeste paulista entre 1870-1876**. Dissertação de mestrado. UNICAMP, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtlsoo0228717>. Acesso em 02.02.13.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

GOMES, Flávio dos Santos. Jogando a rede, revendo malhas: fugas e fugitivos no Brasil escravista. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, V. 1, 1996. p 67-93. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg1-5.pdf Acesso em 02.02.13

GRAF, Elisa de Campos. **Imprensa periódica e escravidão no Paraná**. Curitiba: Secretaria da Estado de cultura e esporte, 1981.

IANNI, Octavio. **As metamorfoses dos escravos: apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional**. 2. Ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

LARA, Silvia Hunold. **Campos da violência: escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro 1750-1808**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MOTT, Luis. O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe. 1833-1864. In: **Sergipe colonial e imperial: religião, família, escravidão e sociedade: 1591-1882**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008. p. 95-117. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1986/T86V01A01.pdf> Acesso em 02.02.13.

NETTO, Fernando Franco. **Senhores e escravos no Paraná Provincial: os padrões de riqueza em Guarapuava (1850-1880)**. Guarapuava: Unicentro, 2011.

NEVES, Raphael. **Experiências capturadas: A fuga de escravos no Rio de Janeiro**. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RABELATTO, Martha. **Fugas escravas e quilombos na Ilha de Santa Catarina, no séc. XIX**. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC, Florianópolis, 2006.

SILVA, Elisa Vignolo. Anúncio de fugas no Astro de Minas. **Revista ALPHA**, Patos de Minas, p. 34-49, Ago. 2010.

SLENES, Robert. **Na Senzala uma Flor: esperanças e recordações na formação da família escrava - Brasil Sudeste, século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Fontes

VASCONCELLOS, Zacarias de Góes. **Relatório do Presidente da Província do Paraná**, Curitiba, 1854.

O DEZENOVE DE DEZEMBRO, n° 06, sábado 06 de maio de 1854.

O DEZENOVE DE DEZEMBRO, n° 40, sábado, 30 de dezembro de 1854.

O DEZENOVE DE DEZEMBRO, n° 30, sábado, 21 de outubro de 1854.

O DEZENOVE DE DEZEMBRO, n° 35, sábado, 25 de novembro de 1854.

O DEZENOVE DE DEZEMBRO, n° 19, sábado, 19 de setembro de 1854.

Recebido em 27/05/2014

Aprovado em 09/07/2014